

A missão faz a Igreja

Quando, em 1995, me tornei pároco na África do Sul, concretamente em Glen Cowie, uma paróquia rural com 40 comunidades cristãs, no que hoje é a Província do Limpopo, e na altura era parte de um bantustão, quis empoderar e envolver ainda mais os leigos nas dinâmicas pastorais. A começar pelo Conselho Pastoral, para que, na medida do possível, eles ajudassem na definição das linhas de acção. Ao início, os membros quiseram certificar-se de que o meu estilo sinodal fosse genuíno. Mas, quando perceberam que eu queria verdadeiramente saber a sua opinião, sobretudo sobre aspectos que tinham grande incidência cultural, então perderam o receio de partilhar as suas ideias e sentir-se mais protagonistas da missão da Igreja.

Evoco esta experiência para apresentar o tema das Jornadas Missionárias deste ano que, como habitualmente, irão decorrer em Fátima, sobre **a relação entre a sinodalidade e a missão** (ver programa na pág. 5). A sua finalidade é perceber, que **a missão é constitutiva da Igreja e, por isso, é um dos pilares centrais da sinodalidade**; e que as dinâmicas de comunhão e participação que a Igreja foi convidada a implementar devem levá-la a abrir-se à universalidade e a propor a mensagem libertadora do Evangelho e a comunhão com Jesus a todos os povos. Ou seja, **“a sinodalidade é missionária”**, como repetiu o Papa Francisco.

O Documento Final da Segunda Sessão da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, reafirma esta ideia ao dizer que **a sinodalidade “não é um fim em si mesma, mas visa a missão que Cristo confiou à Igreja no Espírito”** (N.º. 32). Ela supõe um modelo circular de Igreja, onde todos têm igual dignidade em virtude do seu baptismo, e em que todos, com a riqueza dos seus dons, têm um pa-



Padre Damasceno Reis, Missionário Espiritano, na missão de Itoculo, em Moçambique.

pel irrenunciável a desempenhar. Por isso, o documento afirma: “Valorizando todos os carismas e ministérios, a sinodalidade permite ao Povo de Deus anunciar e testemunhar o Evangelho aos homens e mulheres de todos os tempos e lugares” (N.º. 32).

A experiência das primeiras comunidades, narradas no livro dos *Actos dos Apóstolos*, como veremos durante as Jornadas, mostra como a sinodalidade, entendida como o “caminhar juntos” dos cristãos com Cristo em direcção ao Reino de Deus, leva à missão. A experiência de Cristo e do Seu Espírito, por um lado, e a atenção à realidade, por outro, gera o discernimento do que se impõe fazer e leva os cristãos a sair e a anunciar a sua fé.

Na esteira da experiência das primeiras comunidades e da nossa, percebe-se como **a missão requer a “conversão de cada Igreja local e de toda a Igreja”**, na perspectiva indicada na Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* (cf. N.º. 30), que fala explicitamente de uma “conversão missionária”, da qual nem pessoas nem instituições se devem eximir.

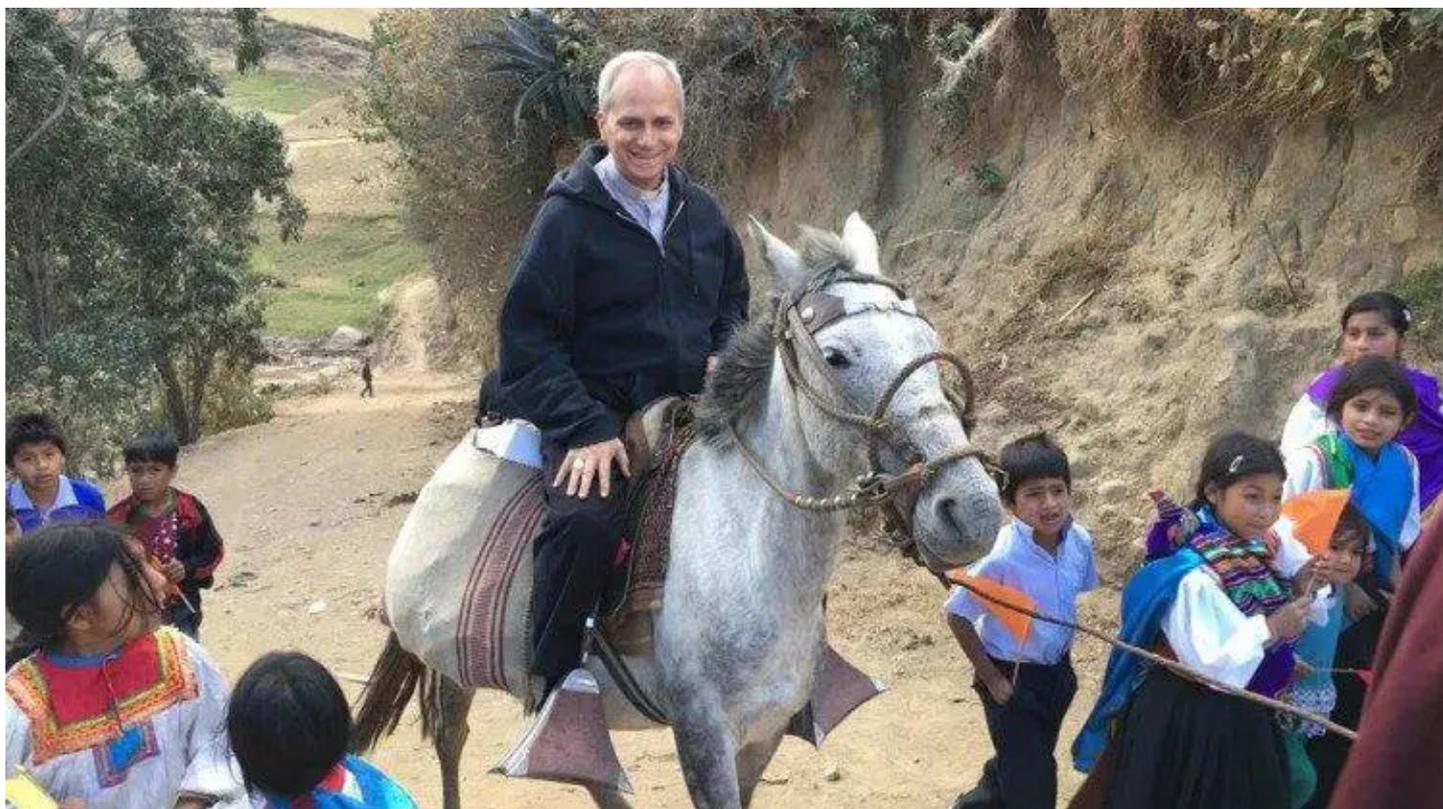
O Cardeal Luís António Tagle, Pró-Prefeito do Dicasterio para a

Evangelização, deu um exemplo de como **as dioceses também devem fazer o seu caminho sinodal missionário**. No seu encontro com os directores nacionais das Obras Missionárias Pontifícias, no passado Mês de Maio, em Roma, deu o testemunho da sua diocese de Imus, na Filipinas, onde depois veio a ser bispo, antes de ser chamado para a Cúria Romana. Contou que, quando se ordenou, a diocese só tinha 27 padres, poucos para as suas necessidades. Apesar disso, o bispo decidiu enviar dois deles em missão. Os padres não concordaram, mas não demoveram o bispo. Deus abençoou aquela decisão e poucos anos depois, o número de padres mais do que duplicou. Daí a sua conclusão: **“Quando uma diocese tiver escassez de vocações sacerdotais deve enviar alguns padres em missão.”** Uma lição de lógica divina, só entendível na perspectiva da fé.

Em conclusão, podemos dizer que **a Igreja faz a missão e que a missão faz a Igreja** – atraindo mais pessoas para a comunhão com Jesus, ajudando quem se doa a aprofundar e a crescer a sua fé e moldando a forma de a comunidade celebrar e ser cristã. ✦

Leão XIV, Papa missionário

O 267º líder dos cerca de 1,4 mil milhões de católicos do mundo, o Papa Leão XIV, tem uma qualidade significativa: um “coração missionário”. Tem uma vasta experiência missionária, adquirida no Peru durante mais de vinte anos, e certamente imprimirá um dinamismo missionário ao seu pontificado.



O Papa Leão XIV trabalhou como missionário no Peru durante mais de vinte anos, antes de ser chamado à Cúria Romana.

O Papa Leão XIV tem numerosas qualidades e experiências que o prepararam para ser um verdadeiro líder e pai para os membros da Igreja e para todos os povos de fé e boa vontade. Desde logo, é membro da Ordem de Santo Agostinho (OSA), fundada em 1244, que desde sempre se dedicou à actividade missionária.

Coração missionário. Este primeiro papa agostiniano possui numerosas qualidades adicionais que reflectem o seu coração missionário. O próprio Leão tem uma grande experiência missionária, tendo trabalhado no Peru durante mais de vinte anos. Trabalhou numa região remota, muitas vezes caminhando sob a chuva e através da lama para atender às necessidades dos pobres e daqueles que estavam à margem da sociedade. Serviu também a Diocese de Chi-

clayo, uma região periférica com 1,3 milhões de habitantes, 83% dos quais católicos, propensa a fortes chuvas e inundações. O P. Robert Francis Prevost era conhecido pelo seu cuidado pastoral prático, estando profundamente envolvido no trabalho de justiça social e em programas de apoio à comunidade. Estas experiências resultam numa profunda transformação pessoal.

“
Os missionários sabem, por experiência directa, que aprender outra língua não é apenas uma questão de vocabulário e gramática; começa-se a absorver a visão do mundo, os valores e a cultura da população local que fala essa língua.
”

O Papa Leão XIV é conhecido como um poliglota. Para além do seu inglês nativo, é fluente em espanhol, italiano, francês e português. Com a sua formação académica, sabe latim e alemão. Presumivelmente, também aprendeu elementos de quechua, a língua local em partes da região de Chiclayo. Os missionários sabem, por experiência directa, que aprender outra língua não é apenas uma questão de vocabulário e gramática; começa-se a absorver a visão do mundo, os valores e a cultura da população local que fala essa língua. Além disso, muitas vezes aprende-se efectivamente a língua local memorizando e cantando canções locais. Estas experiências, com sucessos e erros, transformam os nossos valores e o nosso coração.

Consciência social. Os comentadores têm notado o grande signifi-



cado da escolha do nome do Papa: Leão, na sequência do Papa Leão XIII (1878-1903). Ele é lembrado sobretudo pela sua encíclica de 1891, *Rerum Novarum* (sobre a condição dos operários). Este documento foi escrito na altura da Revolução Industrial, que trouxe muitos novos desafios a tantas pessoas. Enunciava os direitos dos trabalhadores, a necessidade de lutar contra a injustiça, de procurar salários justos e de ajudar as vítimas de todas as formas de abuso. Este documento fundamental estabeleceu uma base sólida para a doutrina social da Igreja. É realista esperar que Leão XIV continue e expanda esta tradição, especialmente nos domínios da justiça social e das preocupações ambientais.

Ter um “coração missionário” significa que se constrói sobre as fundações e os trabalhos dos missionários anteriores. É evidente que se espera que o Papa Leão se baseie em muitas das iniciativas e sucessos do Papa Francisco. Pensa-se imediatamente na sinodalidade, no diálogo, na construção de pontes, na alegria evangélica, no cuidado com os migrantes e refugiados e nas viagens internacionais, para visitar as Igrejas locais em todo o mundo. Na sua primeira visita fora do Vaticano, o Papa Leão foi rezar no túmulo do Papa Francisco. Nesse mesmo dia, 10 de Maio, Leão falou do Papa Francisco, dizendo aos cardeais reunidos: “Tomemos este precioso legado e continuemos o caminho.”

Promover a unidade. O Papa Leão escolheu como seu lema papal: *In illo uno unum* (N'Aquele que é um somos um). Esta escolha exprime o seu desejo de unidade na Igreja. Segue também o ensinamento de Santo Agostinho e dos agostinianos, realçando o amor, a harmonia, a humildade e a dedicação à comunidade espiritual da Igreja. O nosso novo Papa tem apenas sessenta e nove anos de idade; por isso, esperamos desfrutar de muitos anos frutuosos da sua liderança, visão missionária e serviço pastoral dedicado! ✚

P. James Kroeger
Missionário Maryknoll

A MISSÃO COMO COMUNHÃO E PARTILHA

A propósito dos 150 anos de Congregação do Verbo Divino.

A missão é dinâmica; está em constante movimento e crescimento. Como Missionários do Verbo Divino sentimos-nos impelidos a aprofundar a compreensão da missão que abraçamos e na qual queremos ser fiéis testemunhas do Evangelho. O nosso carisma e a nossa espiritualidade têm a sua raiz no mistério trinitário de Deus, paradigma de comunhão de vida e missão.

Já o acto da criação, e depois a Encarnação e a Páscoa do Filho de Deus fizeram cair o véu que separava o âmbito divino do humano, o sagrado do profano (cf. *Lc 1, 28; Mc 15, 38*). O agir humano, em comunhão com a criação de Deus, é um sim actualizado que procura um ambiente humanizador. Toda a expressão livre, consciente e responsável da pessoa que se entrega diariamente para alcançar um mundo mais humano, concretiza a vocação missionária do Deus Trino. Este Deus da vida encheu-nos de dons para que frutifiquem à nossa volta. Tudo o que fazemos quotidianamente de bem é um contributo para o crescimento do divino na história humana.

O impulso baptismal leva-nos a sair permanentemente de nós mesmos ao encontro dos outros. Se o humano é essencialmente relação social, o cristão é fundamentalmente humanidade plena de vida. É por isso que a missão baptismal só se pode realizar eclesialmente, desde um profundo sentido de identidade e pertença à comunidade cristã. É Jesus que envia (missão) a comunidade a partilhar “o visto e ouvido”, a curar os doentes e a expulsar os espíritos que corroem a humanidade (cf. *Mt 10, 1*). A gratuidade caracteriza a missão, no seu sentido fontal e nas suas expressões concretas (cf. *Mt 10, 9*).

“
**A Missão é dinâmica;
está em constante movimento
e crescimento.**
”

Imersos na vida eclesial, nós, Missionários do Verbo Divino, celebramos o nosso jubileu fundacional. Juntos, religiosos e leigos missionários, estamos no mesmo barco para chegar a todos com o nosso testemunho baptismal, especialmente àqueles que vivem na própria carne as consequências de uma sociedade que desumaniza. Marginalizados, desamparados e explorados de diversas maneiras são os destinatários dos dons e recursos recebidos.

Celebrar significa manifestar gratidão e disponibilidade para renovar a aliança. Agradecidos pelos 150 anos de caminho, renovamos o nosso compromisso com os “últimos”. Acreditamos que partilhar o nosso tempo, dons e recursos é muito mais do que um acto social e caritativo. Tudo isto está animado por uma espiritualidade centrada na promoção integral da pessoa. A título de exemplo, diríamos que “sabe melhor um pedaço de pão partilhado com um sorriso do que uma caixa de alimentos para que ‘não incomodem’”. É uma saída missionária ao encontro daqueles que “não contam” para a sociedade. Comprometemo-nos com eles a ser bons samaritanos no caminho, escola de comunhão nos nossos lares. Sair permite-nos ver de outra maneira as nossas estruturas e dinâmicas de vida. Há muito para aprender dos “últimos”, a quem manifestamos a nossa proximidade e ajuda, e de quem aprendemos a recuperar em nós mesmos a humanidade esquecida. ✚

Marcelo Cattaneo
Secretário-geral da Missão
da Congregação do Verbo Divino



Comunhão e universalidade

«As Obras Missionárias Pontifícias são efectivamente o “meio primário” para despertar a responsabilidade pela missão entre todos os baptizados e apoiar as comunidades eclesiais nas regiões onde a Igreja é jovem», disse o Papa Leão XIV aos participantes na Assembleia Geral das OMP, em Maio passado.

As minhas cordiais boas-vindas a todos vós, provindos de mais de cento e vinte países, que vos reunistes para participar na Assembleia Geral anual das Obras Missionárias Pontifícias. Quero começar exprimindo-vos a minha gratidão, bem como aos vossos associados, pelo dedicado serviço, indispensável à missão evangelizadora da Igreja, como posso testemunhar pessoalmente a partir da minha experiência, nos anos de ministério de serviço no Peru.

As Obras Missionárias Pontifícias são efectivamente o “meio primário” para despertar a responsabilidade pela missão entre todos os baptizados e apoiar as comunidades eclesiais nas regiões onde a Igreja é jovem (cf. Decreto *Ad Genes*, 38). É o caso da Obra Pontifícia da Propagação da Fé, que provê auxílio para os programas pastorais e catequéticos, para a construção de novas igrejas, e para as necessidades sanitárias e educativas nos territórios de missão. Também a Obra Pontifícia da Infância Missionária apoia programas de formação cristã para crianças, além de cuidar das suas necessidades básicas e da sua protecção. De igual modo, a Obra Pontifícia de São Pedro Apóstolo ajuda a cultivar as vocações missionárias, tanto sacerdotais como religiosas, enquanto a União Missionária Pontifícia está empenhada na formação de sacerdotes, religiosos e religiosas e todo o povo de Deus para a acção missionária da Igreja.

A promoção do zelo apostólico entre o Povo de Deus continua a ser um aspecto essencial da renovação da Igreja, tal como foi pensada pelo Concílio Vaticano II, e é ainda mais urgente nos nossos dias. O nosso mundo, ferido pela guerra, pela violência e pela injustiça, necessita ouvir a mensagem evangélica do amor de Deus e experimentar o poder reconciliador da graça



Papa Leão XIV saúda o P. José Rebelo, director nacional das OMP-Portugal.

de Cristo. Neste sentido, a própria Igreja, em todos os seus membros, é chamada a ser, cada vez mais, «uma Igreja missionária, que abre os braços ao mundo, que anuncia a Palavra [...] e que se torna fermento de concórdia para a humanidade» (*Homilia na Missa de início do Ministério Petrino do Bispo de Roma*, 18 de Maio de 2025). Somos chamados a levar a todos os povos e a todas as criaturas a promessa evangélica de uma paz verdadeira e duradoura, que é possível, nas palavras do Papa Francisco, «porque o Senhor venceu o mundo e a sua permanente conflitualidade, “pacificando pelo sangue da Sua cruz”» (*Evangelii Gaudium*, 229).

Daí a importância de fomentar o espírito de discipulado missionário em todos os baptizados e o sentido da urgência de levar Cristo a todos os povos. A este propósito, gostaria de vos agradecer, e aos vossos colaboradores, pelo esforço que todos os anos fazeis para promover o Dia Mundial das Missões, no penúltimo Domingo de Outubro, o que é de grande ajuda para a minha solicitude pelas Igrejas das zonas que

estão sob a responsabilidade do Dicastério para a Evangelização.

Hoje, como nos dias a seguir ao Pentecostes, a Igreja, guiada pelo Espírito Santo, prossegue o seu caminho na história com confiança, alegria e coragem, anunciando o nome de Jesus e a salvação que nasce da fé na verdade salvífica do Evangelho. As Obras Missionárias Pontifícias são uma parte importante deste grande esforço. No seu trabalho de coordenação da formação missionária e de animação do espírito missionário a nível local, queria pedir aos Directores Nacionais que dessem prioridade a visitar às dioceses, paróquias e comunidades, ajudando assim os fiéis a reconhecer a importância fundamental das missões e do apoio aos nossos irmãos e irmãs naquelas regiões do mundo onde a Igreja é jovem e está em crescimento.

Antes de concluir estas palavras, partilhadas convosco nesta manhã, gostaria de reflectir sobre dois elementos distintivos da identidade das Obras Missionárias Pontifícias, que podem ser designados como *comunhão e universalidade*. Como



Obras empenhadas em partilhar o mandato missionário do Papa e do Colégio Episcopal, sois chamados a cultivar e a promover ainda mais nos seus membros a visão da Igreja como comunhão dos crentes, animada pelo Espírito Santo, que nos permite entrar na perfeita comunhão e harmonia da Santíssima Trindade. Com efeito, é na Trindade que todas as coisas encontram a sua unidade. Esta dimensão da nossa vida e missão cristãs é-me muito cara e reflecte-se nas palavras de Santo Agostinho que escolhi para o meu serviço episcopal e agora para o meu ministério pontifício: *In Illo uno unum*. Cristo é o nosso Salvador e n'Ele somos um só, uma família de Deus, para além da rica variedade das nossas línguas, culturas e experiências.

A apreciação da nossa comunhão como membros do Corpo de Cristo abre-nos naturalmente à dimensão universal da missão evangelizadora da Igreja e inspira-nos a transcender os limites das nossas paróquias, dioceses e nações, para partilhar com todas as nações e povos a insondável riqueza do conhecimento de Jesus Cristo (cf. *Fil* 3, 8).

Uma renovada atenção à unidade e à universalidade da Igreja corresponde precisamente ao autêntico carisma das Obras Missionárias Pontifícias. E, como tal, deve inspirar o processo de renovação dos estatutos que iniciastes. A este propósito, confio que este processo confirmará os membros das Obras em todo o mundo na sua vocação de ser fermento de zelo missionário no seio do Povo de Deus.

Queridos amigos, a celebração deste Ano Santo desafia-nos a todos a sermos “peregrinos de esperança”. Retomando as palavras que o Papa Francisco escolheu como tema para o Dia Mundial das Missões deste ano, concluo encorajando-vos a continuar a ser “missionários de esperança entre os povos”. Ao encomendar-vos, bem como aos vossos benfeitores e a todos os que estão ligados à vossa importante obra, à amorosa intercessão de Maria, a Mãe da Igreja, concedo cordialmente a minha Bênção Apostólica como penhor de alegria e paz duradouras no Senhor. ✨

JORNADAS MISSIONÁRIAS

Fátima, 20–21 de Setembro de 2025

Sinodalidade e Missão

SÁBADO, DIA 20

- 10h00 – Boas-vindas, oração e introdução aos trabalhos
10h15 – REFLEXÃO: **A Palavra em caminho**
(Sinodalidade na Escritura)
(P.º César Silva, Verbita)
- 11h15 – Intervalo
- 11h30 – REFLEXÃO: **A Palavra em missão**
(Uma Igreja sinodal missionária)
(P.º César Silva, Verbita)
- 12h45 – Interrupção dos trabalhos para o almoço
- 14h30 – REFLEXÃO: **“A acção missionária é o paradigma de toda a obra da Igreja”** (*Evang. Gaudium*, 15)
(P.º Pedro Fernandes, Espiritano)
- 15h30 – DEBATE
- 16h00 – Intervalo
- 16h30 – Trabalho de grupos:
“Conversão pastoral e missionária” da Igreja
- 17h00 – Partilha dos grupos em plenário
- 17h45 – **A minha experiência de missão**
(Testemunhos de voluntários missionários *Ad gentes*)
- 18h45 – Interrupção dos trabalhos
- 19h00 – Eucaristia e jantar
- 21h00 – Procissão das velas no Santuário

DOMINGO, DIA 21

- 9h00 – REFLEXÃO: **“Formar um povo de discípulos missionários”**
(Irmã Maria de Fátima Magalhães, Teresiana)
- 10h30 – Fim dos trabalhos
- 11h00 – Eucaristia no Santuário



INSCRIÇÕES ABERTAS

Pode fazer a sua inscrição em:
<https://www.opf.pt/inscricoes-jornadas-missionarias/>

Toda a informação em:
<https://www.opf.pt/jornadas-missionarias/>

Testemunhas: os mártires

Depois da geração dos Apóstolos, os mártires foram as «testemunhas» por excelência do Evangelho. Eles não devem ser vistos como “heróis” que agiram individualmente, como flores que brotam num deserto, mas como frutos maduros e excelentes da vinha do Senhor, que é a Igreja.



Santo Estevão foi o primeiro mártir cristão (*The Martyrdom of Saint Stephen*, by Antonio Carracci; The National Gallery).

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Falando da evangelização e do zelo apostólico, depois de ter considerado o testemunho de São Paulo, verdadeiro “campeão” de zelo apostólico, hoje o nosso olhar dirige-se não para uma única figura, mas para **o exército de mártires, homens e mulheres de todas as idades, línguas e nações, que deram a vida por Cristo, que deram o sangue para confessar Cristo**. Depois da geração dos Apóstolos, foram eles, por excelência, as “testemunhas” do Evangelho. Os mártires: o primeiro foi o diácono Santo Estêvão, lapidado fora das muralhas de Jerusalém. A palavra “martírio” deriva do grego *martyria*, que significa precisamente testemunho. O mártir é uma testemunha, alguém que dá testemunho até derramar o sangue. No entanto, em breve o termo mártir

passou a ser utilizado na Igreja para indicar quem dava testemunho até à efusão do sangue (1). Ou seja, no início a palavra *martyria* indicava o testemunho dado todos os dias, mais tarde passou a ser usada para indicar quem dá a vida com o derrame do sangue.

Os mártires, contudo, não devem ser vistos como “heróis” que agiram individualmente, como flores que brotam num deserto, mas como frutos maduros e excelentes da vinha do Senhor, que é a Igreja. Em particular, participando assiduamente na celebração da Eucaristia, os cristãos eram levados pelo Espírito a colocar a própria vida na base desse mistério de amor: ou seja, na constatação de que *o Senhor Jesus tinha dado a Sua vida por eles*, por conseguinte, também eles podiam e deviam *dar a vida por Ele e pelos irmãos. Uma grande generosidade, o caminho do testemunho*

cristão. Santo Agostinho realça frequentemente esta dinâmica de gratidão e de reciprocidade gratuita do dom. Eis, por exemplo, o que ele pregava por ocasião da festa de São Lourenço: «São Lourenço era diácono da Igreja de Roma. Ali era ministro do sangue de Cristo e onde, pelo nome de Cristo, derramou o seu sangue. O beato apóstolo João expôs claramente o mistério da Ceia do Senhor, dizendo: “Cristo deu a sua vida por nós. Também nós devemos dar a nossa vida pelos irmãos” (1 Jo 3, 16). Irmãos, Lourenço compreendeu tudo isto. Compreendeu-o e pô-lo em prática. E retribuiu verdadeiramente o que tinha recebido naquela mesa. Amou Cristo na sua vida, imitou-o na sua morte» (*Disc. 304, 14; PL 38, 1395-1397*). Era assim que Santo Agostinho explicava o dinamismo espiritual que animava os mártires. Com estas palavras:



os mártires amam Cristo na sua vida e imitam-no na sua morte.

Hoje, caros irmãos e irmãs, recordemos todos os mártires que acompanharam a vida da Igreja. Como eu já disse muitas vezes, *eles são mais numerosos no nosso tempo do que nos primeiros séculos*. Hoje há muitos mártires na Igreja, numerosos, porque por confessarem a fé cristã são expulsos da sociedade ou vão para a prisão... São tantos! O Concílio Vaticano II lembra-nos que «o martírio, pelo qual o discípulo se torna semelhante ao mestre, que livremente aceitou a morte para a salvação do mundo, e a Ele se conforma no derramamento do sangue, é considerado pela Igreja como dom insigne e prova suprema de caridade» (Const. *Lumen gentium*, 42). **À imitação de Jesus e com a Sua graça, os mártires transformam a violência de quem rejeita o anúncio, em ocasião suprema de amor, que vai até ao perdão dos próprios algozes.** Isto é interessante: os mártires perdoam sempre os algozes. Estêvão, o primeiro mártir, morreu

rezando: “Senhor, perdoa-lhes, não sabem o que fazem!” Os mártires rezam pelos algozes.

Embora só alguns sejam chamados ao martírio «todos, porém, devem estar dispostos a confessar a Cristo diante dos homens e a segui-l’O no caminho da cruz no meio das perseguições, que nunca faltarão à Igreja» (*ibid.*, 42). Mas, a perseguição é algo daquela época? Não, não: de hoje. Hoje há perseguições de cristãos no mundo, muitas, tantas! Há mais mártires hoje do que nos primeiros tempos. Os mártires mostram-nos que cada cristão é chamado ao testemunho da vida, até quando não chega à efusão do sangue, fazendo de si mesmo um dom a Deus e aos irmãos, à imitação de Jesus.

Gostaria de concluir, recordando o testemunho cristão presente em todos os cantos do mundo. Penso, por exemplo, no lémen, uma terra há muitos anos ferida por uma guerra terrível, esquecida, que causou tantos mortos e ainda hoje faz sofrer tantas pessoas, especialmente crianças. Precisamente nessa terra

houve testemunhos resplandecentes de fé, como o das irmãs Missionárias da Caridade, que ali deram a vida. Ainda hoje elas estão presentes no lémen, onde oferecem assistência a idosos enfermos e a pessoas portadoras de deficiência. Algumas delas sofreram o martírio, mas as demais continuam, arriscam a vida, mas vão em frente. Recebem todos, de qualquer religião, porque a caridade e a fraternidade não têm fronteiras. Em Julho de 1998, a Irmã Aletta, a Irmã Zelia e a Irmã Michael, a caminho de casa depois da Missa, foram mortas por um fanático porque eram cristãs. Mais recentemente, pouco depois do início do conflito ainda em curso, em Março de 2016, a Irmã Anselm, a Irmã Marguerite, a Irmã Reginette e a Irmã Judith foram mortas com alguns leigos que as ajudavam na obra de caridade no meio dos últimos. São os mártires do nosso tempo. Entre estes leigos assassinados, além dos cristãos, havia muçulmanos que trabalhavam com as religiosas. É comovedor ver que o testemunho do sangue pode aproximar pessoas de diferentes religiões. Nunca se deve matar em nome de Deus, pois para Ele somos todos irmãos e irmãs. Mas juntos podemos dar a vida pelos outros.

Portanto, oremos para não nos cansarmos de dar testemunho do Evangelho até em tempos de tribulação. Que todos os santos e santas mártires sejam sementes de paz e de reconciliação entre os povos, por um mundo mais humano e fraterno, à espera que se manifeste plenamente o Reino dos céus, quando Deus será tudo em todos (cf. *1 Cor 15, 28*). ✚



Irmã Anselm



Irmã Reginette



Irmã Judith



Irmã Marguerite

As Irmãs da Caridade Anselm, Judith, Marguerite e Reginette foram mortas num ataque terrorista, a 4 de Março de 2016, no lémen.

1) Orígenes, *In Johannem*, II, 210: «Quem quer que dê testemunho da verdade, seja por palavras ou obras, ou trabalhando de qualquer maneira a favor dela, pode chamar-se com razão testemunha. Mas o nome de testemunha (*martyres*) em sentido próprio, a comunidade de irmãos, impressionados pela força de espírito daqueles que lutaram pela verdade ou virtude até à morte, adquiriu o costume de o reservar àqueles que deram testemunho do mistério da verdadeira religião através da efusão do sangue».

Missão: Desaprender para aprender

O serviço missionário, especialmente num contexto linguístico-cultural novo, começa com um processo de (des)aprendizagem para abrir caminho para o mundo novo da cultura hospedeira onde o enviado deve inserir-se.

Neste processo inicial de desconstrução, Cristo Jesus, o missionário do Pai, é o paradigma. Um hino cristológico da Igreja nascente proclama que «Ele, que é de condição divina, não Se valeu da Sua igualdade com Deus, mas despojou-Se a Si próprio, assumindo a condição de servo, tornando-se idêntico aos homens. Aparecendo como homem, humilhou-Se a Si mesmo, obedecendo até à morte, e morte de cruz» (*Filipenses 2, 6-8*).

No início de cada envio missionário está este processo de despojamento humilde da experiência humana e cristã, referentes para acolher uma nova maneira de ser pessoa e de crer, através da língua e da cultura, do viver.

Confesso que é desafiante para um adulto aceitar voltar a ser criança e reaprender a vida quase do zero. Porém, sem esse “salto” não é possível fazer uma missão inculturada e aceitar o povo hospedeiro como pátria nova e sua.

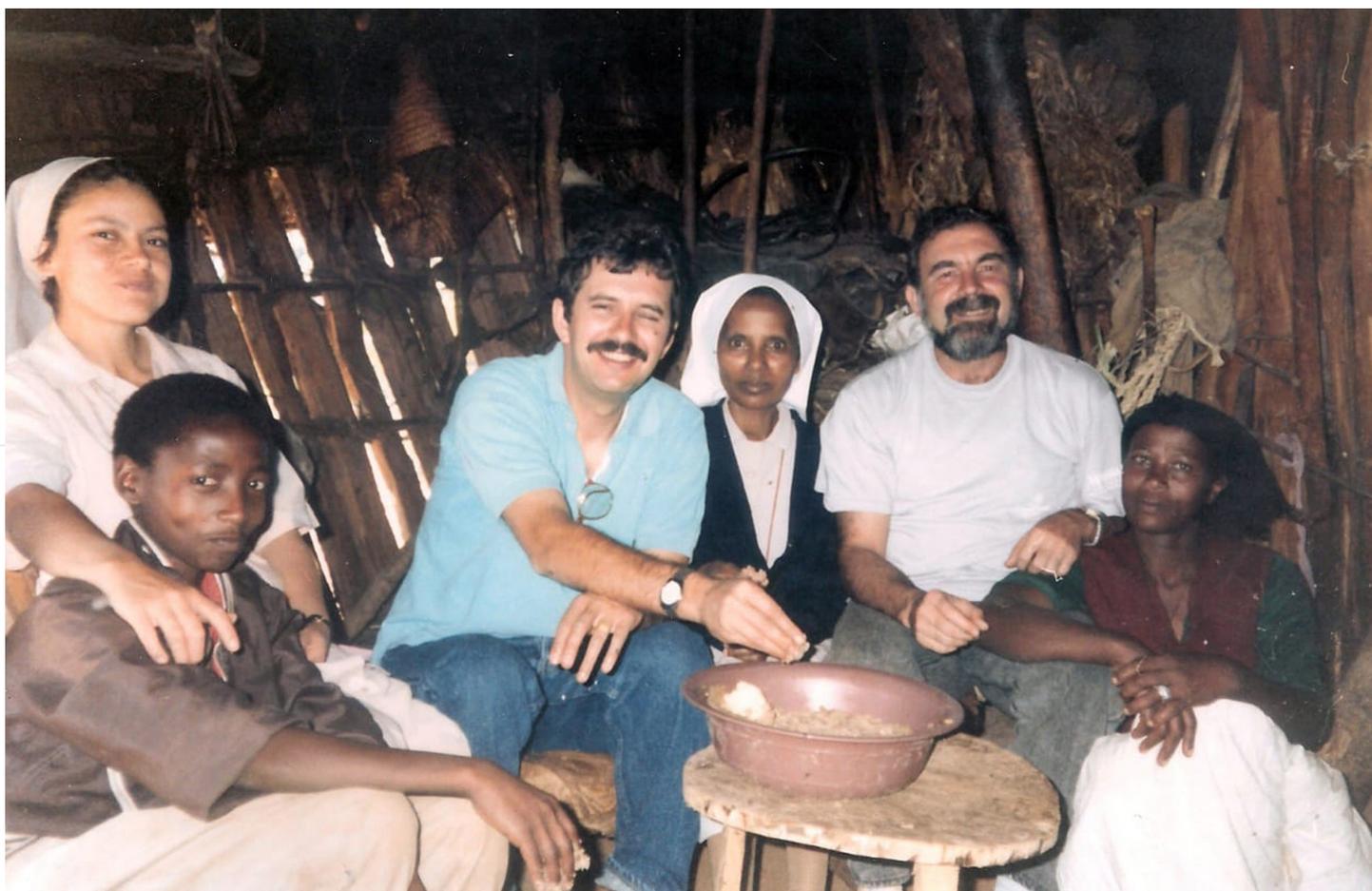
Tinha quase 33 anos quando cheguei pela primeira vez à Etiópia, a 9 de Janeiro de 1993. Robe, um professor da escola primária da missão de Qillenso, deu-me as primeiras lições de guji. Depois de entender os mecanismos da língua, troquei as suas lições pelo convívio com os mais novos, que não tinham problema – ao contrário dos adul-

tos – em corrigir e galhofar com os meus pontapés na gramática.

Era complicado tentar balbuciar “bom dia” em guji – que literalmente se diz «Passaste bem a noite?» – com as palavras a brincarem às escondidas nas dobras da memória... Uma vez, ia de viagem para Adis Abeba (a capital etíope), quase 450 quilómetros, num misto de picada e asfalto. A meio do caminho, cheio de sede, parei numa loja na berma da estrada. Queria pedir um refrigerante (*lasse/asse*) e saiu-me uma Trindade (*Selassie*). Deixei-me conta da troca quando notei o olhar espantado do vendedor.

Para aprender a língua é preciso perder o medo de errar e tentar pensar na língua local em vez de fazer tradução mental simultânea. O processo exige tempo e o corte radical com a língua-mãe. O que dificulta aos ‘nativos do digital’ – que passam muito do seu tempo ligados à net na própria língua – a aprendizagem do idioma hospedeiro.

“**A gramática da (des)aprendizagem pode parecer feita de perdas, lutas e sacrifícios. Contudo, é o que faz da vida missionária a aventura mais privilegiada de viver.**”



Padre José Vieira, Missionário Comboniano, na Missão de Qillenso, na Etiópia, com o povo Guji.



Uma evangelização inculturada requer conhecimento da cultura local. Ajuda muito ilustrar a mensagem evangélica com um provérbio ou uma história. Um ancião, vizinho da missão de Haro Wato, a minha segunda casa na Etiópia, foi um apoio fundamental. Na preparação da homilia de Domingo, ia visitá-lo, íamos o Evangelho juntos e depois perguntava se havia algum ditado parecido com a mensagem de Jesus. Ainda hoje o faço, auxiliado pela cozinheira – que, quando, não sabe, vai perguntar ao pai – e por uma pequena colectânea de provérbios publicada por um colega mexicano.

Outra experiência estimulante é aprender como as pessoas dizem Deus na própria cultura. Os gujis iniciam as orações tradicionais evocando Deus como «nosso pai e mãe, nosso avô e avó, nosso bisavô, aquele que nos deu à luz». E têm muitas histórias e provérbios sobre Deus. Usar essa linguagem localiza a mensagem evangélica

diluindo a marca de estrangeira.

O processo de aprendizagem é também físico. Sou de Cinfães, uma vila a meio da Serra do Montemuro. Pensei que era muito alta. Qillenso, a minha casa na Etiópia, está a 2.300 metros de altitude e o meu corpo levou quase um ano a acostumar-se ao ar rarefeito e húmido da floresta onde vivemos. Depois de uma dúzia de anos por estas paragens, ainda sinto alguma vertigem quando celebro na capela de Gosa que está a 2.800 metros.

Há outras aprendizagens a fazer: o ritmo de vida (quando não havia luz, deitávamo-nos com as galinhas e levantávamo-nos com os galos); dar tempo aos encontros com as pessoas mais do que à agenda (na África, o tempo não se conta, mas faz-se); descobrir novos conceitos de justiça e justiça (num processo de reconciliação tradicional, ninguém é inteiramente culpado nem ninguém é completamente vítima); desacelerar o quotidiano; as comidas locais (que às

vezes provocam alguns desarranjos intestinais).

Diz-se que a paciência é o grande escudo do missionário. É verdade: a paciência aprende-se e exerce-se nos diferentes processos em que estamos envolvidos. Um ditado africano ensina que sozinhos vamos mais depressa, mas juntos vamos mais longe! Os gujis dizem que «o ovo devagarinho foi a pé» para explicar que o processo de crescimento (do ovo ao pinto) precisa de tempo.

A gramática da (des)aprendizagem pode parecer feita de perdas, lutas e sacrifícios. Contudo, é o que faz da vida missionária a aventura mais privilegiada de viver, uma experiência de humanização que leva o missionário a vestir novos modos de ser humano e de viver Deus. Depois, o que nos faz falta é o que temos! ✦

P. José Vieira
Missionário Comboniano,
na Etiópia

Pedro Arrupe, Hiroshima e o Sagrado Coração

O P. Pedro Arrupe comparava o Sagrado Coração à energia atômica – ele que tinha testemunhado a destruição causada pela bomba atômica em Hiroshima: «Enquanto a energia atômica está destinada a destruir e atomizar tudo, no Coração de Cristo temos uma arma invencível cujo poder destruirá todo o mal e unirá as mentes e os corações de toda a humanidade num vínculo central, o Seu amor e o amor do Pai.»



O P. Pedro Arrupe era missionário em Hiroshima, no Japão, quando os Americanos lançaram uma bomba atômica sobre a cidade.

Quando Pedro Arrupe, S.J. (1907–1991), o Superior-geral que liderou a Companhia de Jesus durante o encerramento do Concílio Vaticano II e nos anos seguintes, falava do Sagrado Coração, costumava usar uma analogia que certamente chamava a atenção dos ouvintes. Ele comparava o Sagrado Coração à energia atômica.

Uma homilia proferida por Arrupe em 1970 oferece um exemplo de como ele usava imagens explosivas para descrever a fonte da paz cristã. Naquela época, muitos católicos influentes, tanto dentro como fora da Companhia, afirmavam que as reformas do Concílio Vaticano II exigiam que a devoção ao Sagrado Coração e outras expressões de piedade popular fossem relegadas ao passado. Arrupe, plenamente consciente desses argumentos, pretendia com a sua homilia mostrar que o tempo presente – marcado, nas suas palavras, «por uma confusão caótica e, ao mesmo tempo, por uma evolução cultural» – precisava desesperadamente do amor de Cristo, simbolizado pelo Seu coração.

«Hoje», disse Arrupe, «quando tantas novas fontes de energia

estão a ser descobertas, quando ficamos maravilhados com todos os triunfos da investigação científica na física atômica e na energia do átomo, que pode transformar todo o universo, não percebemos suficientemente que todo o poder humano e energia natural não são nada quando comparados com a energia superatômica deste amor de Cristo, que, ao dar a Sua vida, vivifica o mundo.»

Sem dúvida, os ouvintes jesuítas de Arrupe acharam a sua comparação do Sagrado Coração com a energia atômica muito mais intrigante do que se tivessem ouvido isso de outro homilista. Eles sabiam que o seu Superior-geral, quase um quarto de século antes, tinha testemunhado pessoalmente a destruição causada pela bomba atômica que os Estados Unidos detonaram sobre Hiroshima.

União do coração

Foi o intenso desejo do P. Arrupe de se unir ao coração de Cristo que lhe deu força enquanto ministrava às vítimas do ataque a Hiroshima. Esse desejo começou durante o seu tempo no noviciado jesuíta em

Loyola, Espanha, na propriedade ancestral do fundador dos jesuítas, Santo Inácio, onde ele entrou em 1927, aos 19 anos. Arrupe tinha inicialmente a intenção de se tornar médico e era um excelente estudante de medicina, antes de surpreender os seus professores ao abandonar a faculdade para entrar na Companhia de Jesus.

Durante os dois anos de noviciado, um novo jesuíta mergulha na espiritualidade de Santo Inácio de Loyola. Além de aprender as práticas inicianas de oração e auto-exame, cada noviço faz um retiro de 30 dias de acordo com os *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio, meditando profundamente sobre as Sagradas Escrituras e a história da salvação, de acordo com as orientações de Inácio. Ele também lê certas cartas de Inácio e estuda as Constituições da Companhia.

A espiritualidade que Inácio pioneiramente desenvolveu – particularmente os Exercícios Espirituais, com o seu foco em abrir o coração ao amor de Deus transmitido através da humanidade de Cristo – prestou-se naturalmente à devoção ao Sagrado Coração, que começou a tomar forma no final do século



XVII. Além disso, os jesuítas sentiram uma responsabilidade especial em promover o Sagrado Coração, dado o papel fundamental que um dos seus membros, São Cláudio La Colombière, desempenhou ao ajudar Santa Margarida Maria Alacoque a partilhar com o mundo as suas visões de Jesus e do Seu Sagrado Coração. Nas palavras de um decreto de 1883, de uma das congregações gerais dos jesuítas, eles viam o seu papel na divulgação da devoção como um munus suavissimum – um «dever muito doce» – dado por Deus.

Arrupe tornou-se tão apegado ao Sagrado Coração que, ainda no noviciado, compôs um livreto sobre a devoção. Um pequeno número de cópias do livreto, dactilografadas e encadernadas em car-

tolina cinzenta simples com o título *El Disco de Arrupe* – «O Disco de Arrupe» – passou a ser distribuído entre os seus colegas jesuítas. Nele, Arrupe resumiu fontes autorizadas sobre as origens da devoção e a sua «enorme importância». Depois de examinar as dificuldades que algumas pessoas encontravam para praticá-la, concluiu mostrando como alcançar e experimentar o verdadeiro espírito da devoção. Embora a sua própria devoção ao Sagrado Coração se tornasse mais profunda ao longo da sua vida (assim como a sua compreensão dela), nunca perdeu a preocupação em ajudar os outros a superar os obstáculos para abraçá-la.

Em 1929, Arrupe professou os seus primeiros votos e entrou na fase seguinte da formação, conhe-

cida como juniorado. Pouco depois, enquanto fazia o retiro anual obrigatório de oito dias dos Exercícios Espirituais, experimentou o que mais tarde chamaria de «as primeiras centelhas da minha vocação missionária». Ele tinha a certeza de que o Senhor desejava que ele seguisse os passos do grande missionário jesuíta São Francisco Xavier, para ganhar almas para Cristo no Japão.

Embora tanto o Padre que o orientou nos Exercícios Espirituais quanto o reitor do juniorado acreditassem que a sua vocação era autêntica, a decisão de enviar Arrupe para as missões japonesas cabia ao Superior-geral dos jesuítas em Roma – e ele não achava que era o momento certo. Na verdade, quase 10 anos e muitos outros pedidos do jovem jesuíta fervoroso se passariam antes que o líder da Companhia de Jesus finalmente concedesse a Arrupe o desejo do seu coração.

Arrupe no Japão

O Padre Arrupe havia sido ordenado há dois anos quando, em Junho de 1938, chegou a carta de Roma chamando-o para assumir uma missão no Japão. Na altura, ele estava em Cleveland, Ohio, a concluir a fase final da formação jesuíta – o ano de renovação espiritual conhecido como a Terceira Provação. Chegou ao país insular em Outubro de 1938 e foi para a casa jesuíta de estudos teológicos em Nagatsuka, onde iniciou um estudo intensivo de língua e cultura japonesas. Nagatsuka ficava nos arredores de Hiroshima, separada da cidade por uma montanha.

Após seis meses, Arrupe sentiu-se suficientemente confiante na língua local para viajar para Tóquio, onde, como escreveria mais tarde nas suas memórias, esperava entrar no ministério pastoral. «Não sabia por onde começar», recordou, «quando a Divina Providência me colocou num caminho que eu só tinha de seguir.»

O caminho abriu-se quando o Padre Arrupe visitava uma comunidade de irmãs religiosas que lhe disseram que estavam com dificul-



Pedro Arrupe foi eleito Superior-geral dos jesuítas durante o pontificado de Paulo VI, com quem teve uma relação marcada por admiração e tensões.

dades em encontrar um Padre disposto a consagrar a sua casa ao Sagrado Coração. Arrupe respondeu que, se elas pudessem esperar, ele teria todo o prazer em satisfazer o seu pedido, pois primeiro precisaria de preparar uma cerimônia de consagração em japonês.

Fiel à sua palavra, Arrupe escreveu o acto de consagração e algumas palavras de inspiração e voltou para conduzir a cerimônia. Foi então que teve uma epifania: «Enquanto estiver em Tóquio, poderia dedicar-me a consagrar famílias ao Sagrado Coração de Jesus.» O apostolado era adequado às suas limitações linguísticas e dava-lhe um meio de ajudar a pequena comunidade de católicos locais, que tinham sido evangelizados por missionários anteriores, a aprofundar a sua fé.

«Nunca me arrependi desse passo», escreveu Arrupe. Ele começou por consagrar as casas dos membros mais importantes da comunidade, e depois a notícia começou a espalhar-se. No final, consagrou mais de 100 casas ao Sagrado Coração. Através dessas consagrações, conquistou muitos convertidos, incluindo o marido de uma mulher católica que era um ateu convicto e se opunha a qualquer manifestação de fé em casa.

Após a bomba

No momento em que os Estados Unidos lançaram a primeira das suas bombas atômicas sobre o Japão, às 8h15 da manhã de Segunda-feira, 6 de Agosto de 1945, Arrupe estava reunido com outro jesuíta no seu escritório em Nagatsuka, onde era mestre de noviços e vice-reitor da casa de estudos. Nas suas memórias, Arrupe descreveu o choque que sentiram: «Aquela força terrível, que pensávamos que iria arrancar o edifício das suas fundações, atirou-nos ao chão.» Cobriram a cabeça com as mãos enquanto as paredes e o tecto da residência desabavam à sua volta.

Quando a poeira começou a assentar, Arrupe e o seu amigo levantaram-se, aliviados por ver que nenhum dos dois estava ferido. Em seguida, vasculharam o resto do edifício e descobriram, para sua surpresa, que, embora a estrutura

estivesse gravemente danificada, nenhum das três dezenas de jesuítas que lá estavam estava ferido.

O pensamento seguinte de Arrupe foi verificar os jesuítas que viviam na residência da Companhia no centro de Hiroshima, mas percebeu que isso era impossível, dado o fogo e o fumo negro que se elevava da cidade. Então, entrou cuidadosamente no que restava da capela do noviciado e dedicou alguns momentos a invocar o Senhor.

«Saí da capela», recordou Arrupe mais tarde, «e a minha decisão foi imediata. Transformaríamos a casa num hospital».

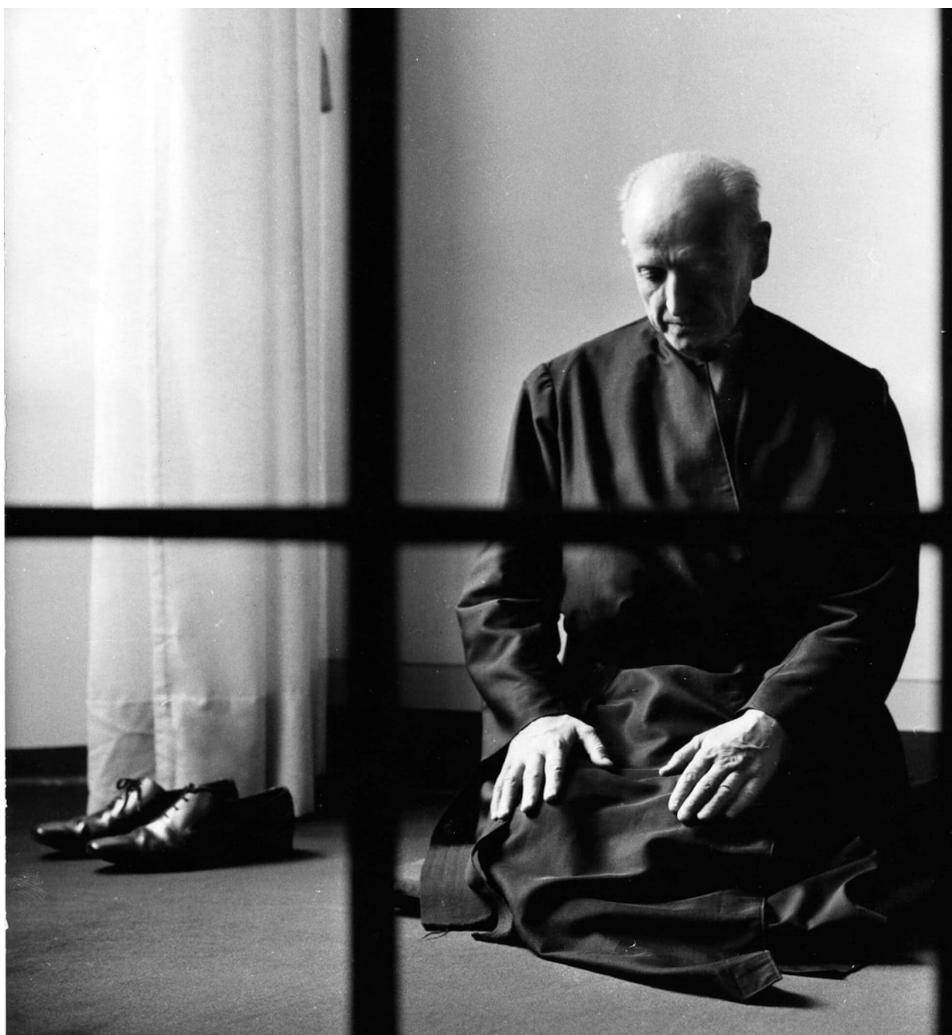
Arrupe enviou os escolásticos jesuítas em busca de alimentos e outros suprimentos necessários para tratar os sobreviventes. Pessoas feridas que fugiam da cidade começaram a chegar; quatro horas e meia após a explosão da bomba, cerca de 150 feridos ocupavam o que restava da casa.

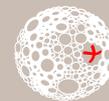
Durante muitos meses, o P. Arrupe dedicou-se a tratar os doentes e feridos. A sua compaixão era

tão grande – assim como o conhecimento que adquiriu na faculdade de medicina – que ganhou a reputação de curandeiro. Ao mesmo tempo, fez tudo o que podia, dadas as circunstâncias, para manter a vida normal do noviciado e da casa de estudos. Um noviço que entrou no início de 1946 recordou mais tarde como «o Padre Arrupe trabalhava a um ritmo verdadeiramente exaustivo... Ele mal tinha tempo para dormir. Apesar disso, dirigiu [os noviços nos] Exercícios [Espirituais] de Santo Inácio, com duração de um mês, sem esquecer nada.»

Em 1947, os feridos que ainda se encontravam na casa dos jesuítas foram transferidos para outros locais onde podiam receber cuidados. Mas, embora Arrupe já não tivesse de cuidar das necessidades físicas dos visitantes, continuou a procurar tratar as feridas espirituais que os fiéis guardavam na sequência do bombardeamento.

Mais tarde, o Padre Arrupe falou sobre uma conversa que teve com alguns jovens estudantes japone-





ses. O cinismo tomou conta dos jovens enquanto discutiam a força da bomba que foi lançada sobre Hiroshima e a extensão das perdas de vidas que ela causou e ainda poderia causar. Então, Arrupe teve uma ideia que causou grande impressão nos estudantes. Ele disse:

E, afinal, meus queridos amigos, apesar desta arma poderosa e de qualquer outra que ainda possa surgir, vós deveis saber que temos um poder muito maior do que a energia atômica: temos o Coração de Cristo... Enquanto a energia atômica está destinada a destruir e atomizar tudo, no Coração de Cristo temos uma arma invencível cujo poder destruirá todo o mal e unirá as mentes e os corações de toda a humanidade num vínculo central, o Seu amor e o amor do Pai.

Renovando a devoção ao Sagrado Coração

A confiança que Arrupe depositava no Sagrado Coração ajudou-o durante mais de 25 anos de serviço missionário no Japão. Em 1958, a Companhia de Jesus elevou o Japão de vice-província (ou seja, um território missionário) a província autónoma e nomeou Arrupe o seu Superior Provincial. Ele tornou-se uma figura internacionalmente conhecida ao viajar para angariar fundos para a Província Japonesa e convencer jesuítas de outros países a assisti-lo no seu trabalho. Um jesuíta que conheceu o P. Arrupe durante uma visita que este fez ao México em 1954, Eduardo Briceño, S.J., lembrava-se dele como uma figura espiritual poderosa: «Ele era um visionário, um profeta, um apóstolo, uma mistura de Paulo, Xavier e Inácio. Era um homem profundamente convencido da sua missão e sentia-se visceralmente obrigado a cumpri-la sem poupar um momento da sua própria vida.»

Em Maio de 1965, durante a 31ª Congregação Geral dos Jesuítas, o P. Arrupe foi eleito Superior-geral da Companhia. Era uma época de intensas mudanças na Igreja, com o Concílio Vaticano II a chegar ao fim. O Papa Paulo VI, ciente de que alguns teólogos e liturgistas afirmavam falsamente que certas formas tradicionais de piedade po-

“
A fé deve ser informada pela caridade e o mesmo deve acontecer com a justiça, que assim se torna uma forma superior de justiça: é a caridade que exige justiça.
”

pular contrariavam o espírito do Concílio, pediu aos superiores das congregações religiosas, incluindo os jesuítas, que promovessem activamente a devoção ao Sagrado Coração. Um dos primeiros actos legislativos do P. Arrupe como Superior-geral foi redigir um decreto, que a Congregação Geral aprovou, no qual a Companhia de Jesus afirmava vigorosamente o seu acordo com o desejo do pontífice de que «se espalhasse cada vez mais amplamente o amor ao Sagrado Coração de Jesus».

No entanto, ao continuar no seu cargo de Superior-geral, o P. Arrupe sentiu que era necessária uma declaração mais forte para contrariar as alegações de que, dada a ênfase do Concílio na oração litúrgica comunitária, a devoção ao Sagrado Coração era demasiado individualista. Por isso, escreveu uma carta a toda a Companhia, em 1972, para assinalar o centenário da consagração da Companhia ao Sagrado Coração de Jesus: «Enfrentando uma nova situação: dificuldades e soluções» (posteriormente republicada como «Renovando a devoção ao Sagrado Coração»).

Como o título sugere, a carta do P. Arrupe abordava directamente e procurava resolver as «dificuldades» associadas à devoção ao Sagrado Coração. Uma das razões para tais dificuldades, escreveu Arrupe, era «o eclipse da compreensão teológica sólida» da humanidade de Cristo. «A Igreja nasce da Encarnação», explicou ele. «Mais ainda, é uma encarnação contínua; é o corpo místico de Deus feito homem. Portanto, não há nada menos individualista do que o amor genuíno a Cristo: o próprio conceito de reparação procede de uma exigência comunitária autêntica, a do Corpo Místico».

Ao longo dos anos da sua liderança activa na Companhia, até

sofrer um AVC em Agosto de 1981, que prejudicou a sua capacidade de comunicação, o P. Arrupe recorria à teologia do Sagrado Coração para encorajar os seus irmãos jesuítas e, por vezes, corrigi-los gentilmente. Num discurso, em Fevereiro de 1981, que ficou conhecido como o seu testamento espiritual, ele enfatizou que «o amor (serviço) pelos nossos irmãos, por Cristo, pelo Pai, é o único e indivisível objecto da nossa caridade» – significando que o amor verdadeiro e sacrificial pelo próximo não poderia ser separado do amor a Deus em Jesus Cristo.

«O amor resolve as dicotomias e tensões que podem surgir numa espiritualidade inaciana imperfeitamente compreendida», acrescentou Arrupe. Ele citou a tensão percebida entre fé e justiça. «A fé deve ser informada pela caridade», explicou, «e o mesmo deve acontecer com a justiça, que assim se torna uma forma superior de justiça: é a caridade que exige justiça».

No final do seu discurso, o P. Arrupe falou francamente sobre como cada pessoa poderia desenvolver essa caridade: «Há um enorme poder latente nesta devoção ao Coração de Cristo. Cada um de nós deve descobri-lo por si mesmo – se ainda não o fez – e, depois, entrando profundamente nele, aplicá-lo à sua vida pessoal da forma que o Senhor sugerir e conceder.»

Quando o P. Arrupe faleceu, em 5 de Fevereiro de 1991 (tendo renunciado à liderança da Sociedade em 1983, devido a problemas de saúde), muitos acreditaram que a sua união com Jesus, que ele demonstrou tanto na doença como na saúde, era uma prova da «graça extraordinária» de que ele falava – tanto que, em 2019, foi aberta uma causa para a sua canonização, nomeando-o Servo de Deus.

Os visitantes da Igreja del Gesù, em Roma (a igreja-mãe da Companhia de Jesus), encontrarão o túmulo do Padre Arrupe na Capela da Paixão – um lugar apropriado para alguém que procurou unir o seu coração ao coração pulsante do Salvador. ✦

Dawn Eden Goldstein
Revista *America*
de 27 de Junho de 2025

O missionário que curava a diarreia



Ilustração: Ana Romão

Eram duas horas da tarde num dia abafado. Sendo um dia feriado, o silêncio e a tranquilidade reinavam na missão. De repente, alguém toca a sineta no portão. O cozinheiro, que ainda não tinha terminado as suas lides, foi abrir. Era uma mulher com um bebé nos braços. “O que é que queres?” “Este bebé tem diarreia”, respondeu ela. O cozinheiro sugeriu: “Tens de o levar ao dispensário, onde lhe podem dar os medicamentos que precisa.” “Já lá fui, mas a criança continua doente. Gostaria que ela fosse vista pelo Padre Pierino, que pode curar este tipo de doenças.” “Quem te disse isso?”, perguntou ele. “Uma amiga minha, cujo filho sofria do mesmo mal.” O cozinheiro

não sabia o que responder, por isso disse-lhe: “Espera, ele vai levantar-se em breve.”

Meia-hora depois, de facto, o P. Pierino saiu do seu quarto onde, em vez da sesta, tinha feito uma sauna, banhado como estava em suor. O cozinheiro contou-lhe o caso. “Deve ser a senhora do costume que tenta encontrar aqui o que não quer comprar na farmácia”, comentou. Mas não era ela. A senhora mostrou-lhe três frascos vazios: tinha dado ao bebé todos os medicamentos receitados pela enfermeira, mas a diarreia não tinha parado. “Tem a bondade de olhar para a criança para que ela fique curada, como fizeste com o filho de Akossiwa no outro dia”, implorou

ela. “Ela disse-me que olhaste para ele e ele ficou logo melhor.”

O P. Pierino coçou a sua cabeça calva e luzidia: nesse momento, lembrou-se do episódio. Uma catecúmena tinha trazido uma criança com o mesmo problema. Ele agarrou-a e, levantando-a, disse-lhe: “Olha, pequeno reguila! Que se passa contigo? Estás doente e fazes a tua mãe chorar!” Nos braços daquele enorme homem branco, que o olhava com olhos penetrantes e lhe falava com uma voz cavernosa e veemente, a criança ficou petrificada, a diarreia parou, e o boato dos seus dotes taumatúrgicos espalhou-se. ✨

P. Neno Contran
Missionário Comboniano

Subsídios Missionários para o ano pastoral de 2025-2026



GUIÃO DA INFÂNCIA MISSIONÁRIA



FICHA TÉCNICA

DIRECTOR
P. José António Mendes Rebelo

MISSÃOZINHA OMP
Anna Kudelska

PROPRIEDADE E EDIÇÃO
Direcção Nacional de Propagação da Fé

SEDE, REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Ilha do Príncipe, 19
1170-182 LISBOA
Tlf: (+351) 21 814 84 28
Email: missio.omp@gmail.com
NIPC: 501132619
Homepage: <https://www.opf.pt/>

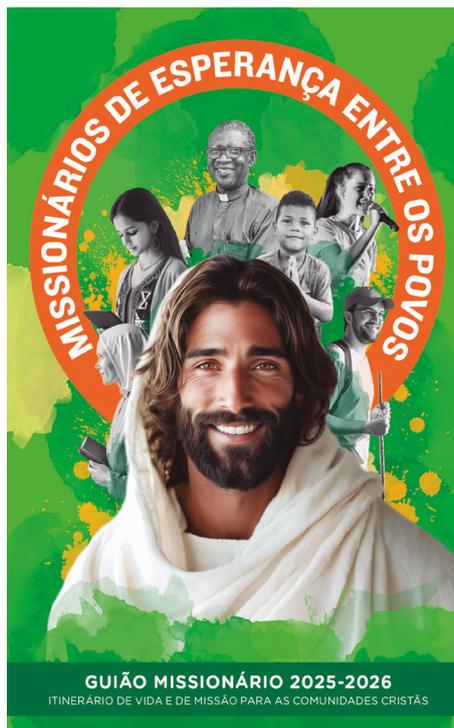
ESTATUTO EDITORIAL
<https://www.opf.pt/missao-omp>

Depósito Legal N° 192499/03
NIPC 501 132 619 • I.S.S.N. – 1647 – 9203
Registo na ERC n° 104247

IMPRESSÃO: Jorge Fernandes
Rua Quinta do Conde de Mascarenhas, 9
2820-652 Charneca da Caparica
<https://www.jorgefernandes.pt/>

TIRAGEM: PDF para web
Preço Capa: 0,01 €

FOTOGRAFIA:
Arquivo OMP; João Fernandes



GUIÃO MISSIONÁRIO

Propostas de reflexão, celebração e oração

O *Guião Missionário* para o ano pastoral de 2025-2026, que preparamos e começamos a distribuir tem o mesmo **formato de bolso**, a mesma **estrutura (Reflexões, Celebrações e Orações)** e o mesmo **número de páginas (176)**, do

Guião dos anos anteriores. As reflexões sobre a Palavra de Deus para os Domingos e festas principais do ano litúrgico foram feitas pelo P.º Victor Gonçalves, capelão da Rádio Renascença e pároco de Santa Justa e Rufina (São Domingos), em Lisboa. Os textos são bons e, por isso, achamos que é um subsídio privilegiado para nos ajudar individualmente e em comunidade a crescer como discípulos missionários. ✦



CARTAZ DIA MUNDIAL DAS MISSÕES

AJUDE AS OBRAS DO SANTO PADRE, ATRAVÉS DAS OMP

O nosso número de conta, NIB e IBAN, para a transferência de fundos é o seguinte:

Obra da Propagação da Fé
Banco Millennium-BCP
N° Conta: 23521434
NIB: 0033 0000 0002 3521 434 05
IBAN: PT 50 0033 0000 0002 3521 434 05

Agradecemos que os doadores nos contactem para nos darem o seu NIF e direcção, de modo a que possamos mandá-lhes o recibo para efeitos de IRS.

As Obras Missionárias Pontifícias são uma rede de oração, informação e solidariedade com a Igreja Missionária.

Muito obrigado a todos os que nos enviam os seus donativos, para as Obras do Santo Padre. Todos os dias, às 5 horas da tarde, na Basílica de S. Pedro, em Roma, é rezada uma Eucaristia pelas intenções dos colaboradores das Obras Missionárias Pontifícias.